

A difícil arte da convivência: intelectuais, PCB e PT

Fernando Perlatto*

Resumo: Este artigo visa analisar as complexas relações existentes entre intelectuais e partidos de esquerda, com especial ênfase ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Para tanto, nós procuraremos: 1) discutir sobre as transformações que contribuíram para a dialética *aproximação / distanciamento* entre os intelectuais e estes partidos; 2) apresentar e discutir sobre os aparatos culturais destas organizações, vistos como espaços de debate e reflexão crítica.

Palavras-chave: intelectuais, PCB, PT.

Abstract: This article aims at analyzing the complex relation between intellectuals and left parties, with special emphasis on Partido Comunista Brasileiro (PCB) and Partido dos Trabalhadores (PT). In order to do that, we will search: 1) discuss about the transformations that were contributed for the dialectic *approach / aloofness* between the intellectuals and these parties; 2) present and discuss about the cultural apparatus at that organizations, looked as spaces for debate and critic thought.

Keywords: intellectuals, PCB, PT.

Introdução

Trata-se de um desafio diário a arte da convivência e o exercício de habituar-se a lidar com as diferenças de perspectivas e objetivos. Os conflitos tendem a causar traumas insuperáveis, de difícil cicatrização, que levam à ruptura da relação e o fim de um convívio que outrora parecia ser pacífico. Ou, pelo contrário, a difícil arte da convivência, produz o efeito do fortalecimento dos laços e, mesmo que à mercê de solavancos e ameaças de rompimentos, a relação se enrijece e torna-se ainda mais coesa. Independente das conseqüências, fato é que a convivência é marcada pela dialética da aproximação / distanciamento, do deslumbramento / desilusão, que deixam marcas perenes para o restante das vidas daqueles que a vivenciam. Caso tomemos como perspectiva de análise a relação entre intelectuais e partidos, sobretudo aqueles de esquerda, estes dilemas da convivência parecem ganhar ainda maior dimensão, na medida em que envolvem perspectivas, percepções e tempos diferenciados em relação aos objetivos – que perpassam diretamente a discussão da tática (curto prazo) e da estratégia (longo prazo) – a serem adotados pelos partidos.

* Mestrando em Sociologia no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), com apoio da CAPES.

No presente artigo, pretendemos apontar para a difícil arte da convivência entre o PCB (Partido Comunista Brasileiro), o PT (Partido dos Trabalhadores) e os intelectuais a eles vinculados direta ou indiretamente. Hegemônicos entre a esquerda durante dois momentos – o PCB até 1960 e o PT desde 1980 –, estes partidos atraíram e mobilizaram setores importantes da *intelligentsia*, desenvolvendo relações, ora harmoniosas, ora conflituosas, com a intelectualidade. Conforme destaca Norberto Bobbio, o dissídio entre os intelectuais e os partidos de esquerda “está na própria natureza das tarefas e das responsabilidades de cada uma das partes e é a expressão (...) do plano diverso em que se colocam a teoria e a prática, o pensamento e a ação” (BOBBIO, 1994: 85-86). Buscaremos no decorrer deste artigo explicitar algumas facetas relacionadas a esta difícil convivência, apontando para os dilemas e contradições daqueles que *pari passu* à reflexão teórica, entregam-se à militância política.

PCB e os intelectuais

Surgido em 1922, logo após o bem-sucedido ciclo de greves do período de 1917 a 1919, o PCB aparece com uma proposta de superação da práxis anarco-sindicalista e sob a influência direta da revolução soviética. O partido não nasce, portanto, de um cisma de intelectuais socialistas, como ocorrera em muitos países europeus, mas, pelo contrário, vem ao mundo sem a adesão de uma *intelligentsia* que buscasse ampliar suas interpretações sociais e o credenciasse à elaboração de uma interpretação marxista do país. Abandonando para segundo plano a reflexão teórica, o PCB guia-se nos seus primórdios mais pela prática política do que propriamente pelo debate de idéias (VIANNA, 1988). Apesar de Astrojildo Pereira, o principal fundador do PCB, ter sido uma personalidade intelectual, este partido não se constituirá, a princípio, como um *locus* privilegiado de atração da intelectualidade progressista.

Embora a emergência da classe operária e da intelectualidade enquanto atores relevantes no processo da transição para a modernidade fizessem parte de um mesmo processo, diretamente relacionado à crise do sistema oligárquico, ambas não se tocavam e avançavam em linhas paralelas (VIANNA, 1983). Durante toda sua história, o espectro do “obreirismo” rondou o PCB e o processo de “proletarização” acabou por afastar intelectuais de relevância, como Astrojildo Pereira e Octávio Brandão, da direção partidária, tendo conseqüências diretas para a definição dos rumos do partido.

A dialética da aproximação / distanciamento será uma marca estruturante da relação dos intelectuais e de personalidades do mundo da cultura com o PCB. Em alguns momentos, a

tônica da aproximação prevalecerá – como no decorrer dos anos 30 –, quando setores significativos da intelectualidade, como Caio Prado Junior, Oswald de Andrade e Jorge Amado, chegaram às fileiras do Partidão. Conforme destaca Celso Frederico, períodos como aqueles entre os anos 1945-1947 – que testemunharão a entrada de Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Oscar Niemeyer, entre outros – e entre o final dos anos 50 até o golpe de 64 – após a Declaração de Março de 58, a participação na frente nacionalista das reformas de base e a criação dos Centros Populares de Cultura da UNE, que atraíram setores da jovem intelectualidade, como Luiz Werneck Vianna, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, entre outros – marcarão as melhores fases da relação dos intelectuais com o PCB (FREDERICO, 1999).

Pelo fato de ter hegemonizado a esquerda até os anos 60, o PCB aparecia como o legítimo portador do marxismo, trazendo para suas fileiras setores importantes da intelectualidade progressista. Ao organizar todo um espaço cultural alternativo para os intelectuais filiados e próximos, o partido cativava figuras do meio intelectual, dentre as quais havia aquelas que viam no partido a possibilidade da constituição de carreiras intelectuais (RUBIM, 1988).

Porém, nem tudo foram flores. Durante a maior parte da história do PCB, a convivência entre intelectuais e o partido foi caracterizada por intensas divergências e conflitos. Períodos marcados pela repressão – como após o levante de 1935, o início do Estado Novo e o golpe de 64 – levaram o PCB à ilegalidade e contribuíram para afastar setores da intelectualidade simpáticos a ele. Além das causas externas, convém ressaltar que práticas internas também atuaram com peso decisivo para complicar esta relação. Primeiramente, convém destacar que, apesar da influência do PCB sobre a intelectualidade brasileira, fato é que os intelectuais de prestígio não tiveram espaço no interior da estrutura do partido, permanecendo afastados de cargos da direção (RODRIGUES, 1977). Em segundo lugar, a fase de proletarização – do final dos anos 20 e início da década de 30 – somada à radicalização stalinista dos anos 48-56, contribuíram para aumentar a tensão entre os intelectuais próximos ao PCB e o partido (FREDERICO, 1999). Por fim, vale lembrar que após o golpe de 64, alguns setores da intelectualidade distanciaram-se ou foram expulsos do partido, se opondo à via democrática adotada pelo PCB, preferindo o caminho da luta armada (GORENDER, 2005 e RIDENTI, 2007).

Podemos encontrar na história do PCB variados exemplos que confirmam a idéia da difícil convivência entre intelectuais e partidos. Astrojildo Pereira, fundador do partido, acabou por ser afastado da organização em 1931, retornando somente mais tarde, mediante

um doloroso processo de autocrítica. Octávio Brandão, que exerceu enorme influência sobre os comunistas brasileiros, sobretudo após a publicação de seu livro *Agrarismo e Industrialismo*, dedicou toda sua vida ao PCB. Carregando as alcunhas de “traidor” e “pequeno-burguês”, enfrentando sessões de autocrítica por ter se contraposto à lógica da “revolução soviética imediata” advinda da Internacional Comunista, Brandão nunca conseguiu recuperar o importante papel de referência que havia desempenhado nos anos 20, apesar de reiteradas tentativas. Caio Prado Junior também enfrentou embates significativos no interior da estrutura partidária ao se contrapor à idéia prevalecente da existência do feudalismo no país, sustentada por Nelson Werneck Sodré, referendado como uma espécie de “historiador oficial” do PCB. Carlos Drummond de Andrade e Oswald de Andrade, assim como tantos outros, também atravessaram difíceis momentos no processo de aproximação e distanciamento do partido.

Esta difícil relação era agravada pelo fato da estrutura centralizada do PCB ter aberto possibilidades para interferências diretas da direção partidária sobre as atividades desempenhadas pelos intelectuais, o que, obviamente, a muitos desagradava profundamente. A idéia da existência de um marxismo único e verdadeiro, que tinha sua fonte nos manuais produzidos na URSS, fortalecia a percepção da existência de um pensamento único, fora do qual o militante corria o risco de ser acusado de “revisionista”. Essa rigidez teórica teve conseqüências óbvias sobre setores da intelectualidade, que optaram por se afastar do partido. Após a revelação dos crimes de Stálin, teve início uma tímida renovação do marxismo no país, que se não teve oposição direta da direção do PCB, também não obteve seu estímulo.

Essa renovação passou principalmente pelas revistas e jornais publicados por intelectuais militantes do PCB.¹ Durante toda sua existência, diversos foram os aparelhos culturais criados pelo partido ou sob sua influência, que serviram de formação e mobilização para novos militantes, nos quais membros da intelectualidade tiveram intensa participação. Seja através da literatura, das artes plásticas ou de atividades cinematográficas, setores da *intelligentsia* buscavam executar uma arte que fosse revolucionária e atuasse de maneira significativa na transformação da sociedade. Segundo Rubim, no período de sua reorganização dos anos 1945-1947, o PCB contava com oito jornais diários e inúmeros semanários nas principais capitais e cidades brasileiras, uma agência de notícias, inúmeras

¹ A Editora Civilização Brasileira, sob a liderança do intelectual comunista Enio Silveira, publicou vários livros e editou a *Revista Civilização Brasileira*, desempenhando papel fundamental para o processo de renovação do marxismo, em particular, e do pensamento da esquerda brasileira, em geral. Diversos textos semanais foram publicados nestes espaços, trazendo reflexões de autores como Lukács e Gramsci, que até então passavam ao largo dos cânones do PCB.

revistas – como a *Literatura*, dirigida por Astrojildo Pereira –, duas editoras, um serviço de cine-jornal e vários outros meios de comunicação (RUBIM, 1988). É surpreendente contrastarmos o pequeno espaço reservado à cultura nos documentos oficiais do partido com as diversas manifestações culturais existentes na base partidária.

Convém ressaltar, entretanto, que a relação entre intelectuais e partidos se dá em via dupla. Da mesma forma que os primeiros buscam as estruturas partidárias por variados motivos, os partidos também se beneficiam da presença da intelectualidade e estimulam sua participação, desde que esta se dê sob determinadas condições. O PCB fez um “uso ornamental” – nas palavras de Carlos Nelson Coutinho e Rubim – dos intelectuais, na medida em que se valia não tanto das suas capacidades/habilidades, mas, sobretudo, do prestígio por eles desfrutado, visando dar credibilidade às ações do partido (CAMURÇA, 1998). A direção do PCB valia-se de nomes como os de Niemeyer, Jorge Amado, Portinari, Graciliano Ramos, para que estes assinassem manifestos e documentos, bem como participassem de congressos nacionais e internacionais, de modo a proporcionar maior prestígio ao partido (PERALVA, 1960).

A difícil arte da convivência fez-se presente durante toda a história do PCB e os intelectuais comunistas viram-se constrangidos a optar por três caminhos, todos eles com conseqüências marcantes: a) aceitavam acriticamente as propostas do partido, seguindo suas orientações tal qual soldados altamente disciplinados; b) permaneciam no partido, embora fizessem críticas aos métodos e posições adotados pelo mesmo, com grande probabilidade de não serem ouvidos ou, na pior das hipóteses, sob o risco de sofrerem punições, como a expulsão da organização; e 3) saírem ou serem expulsos do partido. Independente do caminho escolhido, fato é que o PCB atuou como um importante espaço de formação política, fornecendo para a posteridade quadros intelectuais altamente qualificados, muitos dos quais permaneceram militando em outros espaços no período pós-redemocratização.

PT e os intelectuais

Embora o PT não seja “filho de uma teoria, mas de práticas” (VIANNA, 2006), desde a sua fundação ele exerceu grande atração sobre importantes setores da intelectualidade brasileira, como Sérgio Buarque de Holanda, Mário Pedrosa, Antonio Candido, Paul Singer e Florestan Fernandes. Vindos do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC) – como Francisco Weffort e Marilena Chauí –, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) – como Francisco de Oliveira –, do PCB – como Leandro Konder e Carlos Nelson

Coutinho – ou de outras origens e, portanto, portadores de diferentes *culturas políticas*, estes intelectuais atuaram – alguns mais, outros menos –, na fundação e no processo de construção do Partido dos Trabalhadores.

Assim como ocorreu com o Partido Socialista Italiano (PSI), o PT exerceu grande influência sobre a intelectualidade porque ao longo de sua história sempre foi um partido menos doutrinário em relação aos textos canônicos e menos ligado a um sistema de pensamento do qual não se podia desvincular com tanta facilidade sem se correr o risco de ser acusado de “desviacionista”.² Entretanto, os intelectuais que se dirigiram para o PT o fizeram a partir de perspectivas diferentes e pautados em interpretações e análises da sociedade que, longe de serem homogêneas, eram marcadas por diferenças e contradições.

O PT enfrentou, desde o início – de maneira semelhante como vimos anteriormente em relação ao PCB –, uma espécie de “obreirismo” exasperado. Conforme destaca Paul Singer, desde a assembleia de fundação, havia no partido aqueles que eram contrários à adesão de intelectuais e parlamentares, temendo a influência pequeno-burguesa desses setores, que poderiam desvirtuar a ideia do partido operário (SINGER, 1980). Para Francisco de Oliveira, a confluência entre intelectuais e trabalhadores na formação do PT foi mais aparente do que real, na medida em que os sindicalistas – sempre refratários aos intelectuais – estavam imbuídos do antiintelectualismo que, segundo o autor, “foi uma espécie de praga nas experiências do sindicalismo em escala mundial” (OLIVEIRA, 2006: 300).

No decorrer da história do partido, ocorreram diversas transformações que colocaram os intelectuais petistas diante de uma série de desafios e contradições. O processo de institucionalização partidária somado às mudanças conjunturais e estruturais – tais como o fim da União Soviética e do chamado “socialismo real”, o avanço do neoliberalismo – provocaram uma série de questionamentos e dúvidas à *intelligentsia* ligada ao PT, sobretudo após a eleição de Lula em 2002 e à crise que atingiu seu Governo em 2005. Os intelectuais ligados ao partido enfrentaram os dilemas postos àqueles que buscam colocar em prática as suas formulações teóricas, contrastando no exercício da experiência as dificuldades de se levar à frente seus ideais.

Na busca por capacitar-se para disputar e vencer as eleições, muitos membros do PT acabaram por se adaptar à “nova ambiência eleitoral”, caracterizada pelo fenômeno da chamada “americanização da política”, na qual os valores de curto prazo passam a ser determinantes do voto, deixando pouco espaço para o debate político e questões ideológicas

² Sobre a relação dos intelectuais e o Partido Socialista Italiano, ver: BOBBIO, Norberto. (1994), *Op. Cit.*, p.86.

complexas (LEAL, 2004). Devido a esse processo – que levou à ampliação do arco de alianças e ao pragmatismo na condução das campanhas eleitorais –, muitos intelectuais foram sendo alijados das esferas de decisão partidárias, na medida em que o ambiente para a reflexão teórica se reduzia.

Emir Sader destaca que, embora o PT tenha incorporado uma parte da intelectualidade preexistente e se associado a outros intelectuais emergentes na sua história, “sua prática política não iluminou uma nova prática teórica, não definiu novas problemáticas nem orientou novas modalidades de produção intelectual”, assumindo cada vez mais um caminho empírico e pragmático. Segundo ele, durante o governo Fernando Henrique, “o Partido dos Trabalhadores e a prática teórica da intelectualidade crítica caminharam por vertentes paralelas, olhando-se, mas definindo cada um seus próprios caminhos”, fazendo com que o pensamento crítico petista não formulasse formas alternativas de ruptura com as políticas neoliberais (SADER, 2003: 14-6). Conforme ressalta Francisco de Oliveira, a ausência de uma proposta clara sobre o socialismo desejado teria levado o PT a fazer uma crítica ao “modelo brasileiro” de maneira superficial, sendo ela mais analítica do que propriamente teórica (OLIVEIRA, 2006).

Esses dilemas foram intensificados após a chegada de Lula ao poder em 2002, que contribuiu para o afastamento de alguns intelectuais do partido, ao mesmo tempo em que levou alguns intelectuais ao poder. A crise que atingiu o Governo Lula em 2005 também promoveu uma série de cobranças sobre os intelectuais ligados ao PT e a expressão “silêncio dos intelectuais” ganhou força na grande mídia, como uma referência à *intelligentsia* que não se manifestou publicamente após as denúncias.

Apesar desta difícil relação, o Partido dos Trabalhadores construiu durante sua história alguns aparelhos político-culturais que permanecem vigentes e que atuam no sentido de proporcionar a reflexão teórica acerca das práticas do partido e de temas relacionados à transformação social. Criada em 1987, com o “intuito de influir no debate político-ideológico da sociedade” e “subsidiar a formação dos militantes políticos e filiados”, a *Revista Teoria e Debate* atuou como *lócus* de reflexão teórica da intelectualidade vinculada ao PT. Assumindo como divisa a idéia de que “sem teoria não existe prática revolucionária”, a revista atuou e continua atuando como um espaço de debate sobre temas diversos. A *Fundação Perseu Abramo*, por sua vez, criada em 1996, atua no desenvolvimento de projetos de caráter político-cultural, que visam estimular o pensamento crítico e a construção de uma nova cultura política em um contexto no qual o pragmatismo político tende a predominar.

Considerações finais

Complexas, tensas, ora conturbadas, ora harmônicas, as relações entre intelectuais e partidos de esquerda nunca foram fáceis. Sobretudo em um contexto como o da modernização brasileira, caracterizada pelo processo da revolução passiva, que teve papel determinante na postura muitas vezes contraditória assumida pelas forças democráticas e progressistas do país. O processo de “revolução passiva”, ao contrário de uma revolução popular e jacobina, é marcado por transformações que privilegiaram uma conciliação “pelo alto” entre os representantes dos grupos dominantes (GRAMSCI, 2002; VIANNNA, 2004). PCB e PT, os partidos que hegemonizaram a esquerda brasileira em momentos diferenciados, tiveram de conviver e enfrentar a complexidade do processo da “revolução passiva” e viram-se desafiados a oferecer respostas criativas aos dilemas de uma modernização conservadora e excludente.

Estes partidos tiveram que contrastar os ideais por eles formulados, que visavam transformações radicais da sociedade, com o jogo político de uma conjuntura marcada pelo pragmatismo. Inseridos no olho do furacão, enfrentando as disputas externas e os debates internos, os intelectuais vinculados a estes partidos tiveram de enfrentar a questão democrática e formular propostas que visassem superar a aridez da “pequena política”. Independente do sucesso obtido pelos mesmos nesta peleja, fato é que suas formulações contribuíram significativamente para repensar a democracia no país e oferecer novas possibilidades para a construção de uma sociedade mais igualitária.

BIBLIOGRAFIA

- BOBBIO, Norberto. (1994), *As ideologias e o poder em crise: pluralismo, democracia, socialismo, comunismo, terceira via e terceira força*, Brasília, Editora da UNB.
- CAMURÇA, Marcelo A. (1998), “Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos Intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) – 1922-1960”, *Locus: Revista de História.*, 4, 1, 65-80.
- FREDERICO, Celso. (1999), “A política cultural dos comunistas”, in MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*, São Paulo, Ed. UNICAMP, v. 3, p. 245-74.
- GORENDER, Jacob. (2005), “O ciclo do PCB: 1922-1980”, in FORTES, Alexandre (org.), *História e perspectivas da esquerda*, São Paulo / Chapecó, Fundação Perseu Abramo, p. 163-172.
- GRAMSCI, Antonio. (2002), *Cadernos do Cárcere – Vol. 5: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália*. Edição de Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.
- LEAL, Paulo Roberto Figueira. (2004), *Os debates petistas no final dos anos 90: aderir ou não à lógica do mercado eleitoral?*, Rio de Janeiro, Sotese.
- OLIVEIRA, Francisco. (2006), “No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil” in NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*, São Paulo, Companhia das Letras.
- PÉCAULT, Daniel. (1990), *Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo, Ática.
- PERALVA, Osvaldo. (1960), *O Retrato*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia.
- RIDENTI, Marcelo. (2007), “Esquerdas armadas urbanas: 1964-1967”, in REIS, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo. *História do Marxismo no Brasil. Partidos e movimentos após os anos 1960*, Vol. 6, Campinas, Editora da UNICAMP, p. 105-151.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. (1977), “O PCB”, in FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difel.
- RUBIM, A.C. (1988), *O Partido Comunista e os Intelectuais no Brasil* (mimeo).
- SADER, Emir. (2003), *A vingança da história*, São Paulo, Boitempo Editorial.
- SINGER, Paul. A fundação. *Folha de São Paulo*, 14 fev. 1980, p.3 (“Tendências e Debates”).
- VIANNA, Luiz Werneck. (1983), *A classe operária e a abertura*, São Paulo, Cerifa.

_____. (1988), *Questão nacional e democracia: o ocidente incompleto do PCB*, Rio de Janeiro, IUPERJ.

_____. (2004), *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Revan.

_____. (2006), “Duas décadas e dois anos de governo Lula”, in VIANNA, Luiz Werneck. *Esquerda brasileira e tradição republicana: estudos de conjuntura sobre a era FHC-Lula*, Rio de Janeiro, Revan.